

A aprendizagem informal suportada pelas redes sociais: um contributo para a formação do aluno?

Bruno Gonçalves¹

¹Instituto da Educação
Universidade do Minho
Campus de Gualtar 4710-057 Braga
Telemóvel: (+351) 916528899
E-mail: bmfgoncalves@hotmail.com

Vitor Gonçalves²

²Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Bragança
Campus de Santa Apolónia 5300-253 Bragança
Telemóvel: (+351) 273330649
E-mail: vg@ipb.pt

Resumo. Genericamente os ambientes de aprendizagem em contexto educativo têm sido um tema controverso nas diversas comunidades educativas. Por um lado, verifica-se a desvalorização da novidade destes ambientes, e por outro, realça-se a importância que os mesmos têm, no dia-a-dia, dos alunos e professores e, em suma, das Instituições Educativas. No presente artigo abordar-se-á, particularmente, a aprendizagem informal, muitas vezes fruto dos diversos processos de socialização e sem ter, necessariamente, uma intencionalidade explícita, tal como acontece por vezes nas redes sociais. Partindo deste pressuposto, pretende-se avaliar de que modo os ambientes de aprendizagem informais suportados pelas redes sociais, podem contribuir para o desenvolvimento do aluno e aferir também a viabilidade do uso das redes sociais como suporte à aprendizagem informal.

Palavras-chave: Ambientes de aprendizagem, aprendizagem informal, redes sociais.

1 Introdução

Na sociedade atual, as diversas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) assumem um papel preponderante, quer ao nível pessoal e profissional, quer ao nível educativo, pelo que não devemos menosprezar as suas potencialidades para o desenvolvimento da formação, dos conhecimentos e das competências de cada

individuo. Assistimos ao aparecimento de uma panóplia de espaços que têm vindo a ser aproveitados para aprendizagem (ou que parecem disponibilizar a oportunidade de aprendizagem).

Nas últimas duas décadas tem-se assistido a uma transformação (embora lenta, mas gradual) do papel do professor, verificando-se, que o professor “deixa de ser o transmissor de conhecimentos dando oportunidade aos alunos de serem os sujeitos da sua própria aprendizagem” [1]. Neste contexto, não só os ambientes de aprendizagem baseados em tecnologias têm vindo a adaptar-se a esta mudança, como também outros ambientes digitais têm vindo a assumir particular importância no suporte a processos menos formais de aprendizagem, independentemente da sua natureza e finalidade. Esta mudança parece evidenciar que os processos de aprendizagem têm extravasado as fronteiras das instituições educativas, pelo que urge perceber a influência de tais ambientes capazes de contribuir para a aprendizagem. Referimo-nos concretamente às redes sociais enquanto tecnologia capaz de fornecer o suporte de comunicação e socialização entre pares, ou até mesmo, os meios para promover e suportar a aprendizagem em determinados públicos mais adultos.

O presente estudo de caso foi desenvolvido com suporte à revisão da literatura enquadrada no âmbito da análise documental, uma vez que se pretende analisar mudanças sociais e históricas, bem como eventuais mudanças a nível escolar. A revisão de literatura teve como finalidades principais: tomar conhecimento sobre os trabalhos existentes e disponíveis na área; conhecer os conteúdos, as questões cruciais e as lacunas existentes; e promover uma visão sobre as bases e os rumos das investigações [2].

Pragmaticamente, o presente estudo pretendeu encontrar resposta à seguinte questão: Os ambientes de aprendizagem informal suportados pelas redes sociais podem contribuir para o desenvolvimento do aluno?

2 Ambientes de aprendizagem formais, não formais e informais

O conceito de ambiente de aprendizagem tem vindo a atualizar-se. Não obstante, em sentido lato, podemos assumir que um ambiente de aprendizagem é um lugar previamente organizado para promover oportunidades de aprendizagem e que se constitui de forma única na medida em que é socialmente construído por alunos e professores a partir das interações que estabelecem entre si e com as demais fontes materiais e simbólicas do ambiente [3].

A expansão da web para uma segunda geração de comunidades e serviços (wikis, blogs, fóruns, redes sociais, entre outras páginas web dinâmicas que constituem a web 2.0) tem conduzido à proliferação de diversos ambientes de aprendizagem, suportando ambientes formais, não-formais e informais (embora alguns autores considerem as duas últimas muito próximas na sua aceção).

Um ambiente de educação formal corresponde à educação convencional, ou seja, aquela que é estruturada, organizada e planeada intencionalmente para um determinado público-alvo com vista a adquirir um conjunto de competências.

Normalmente ocorre no âmbito de escolas ou outras instituições formais, sendo o processo planeado e orientado pelo professor.

Um ambiente de educação não-formal corresponde a um conjunto de atividades que possuem carácter de intencionalidade, mas pouco estruturadas e sistematizadas, onde ocorrem relações pedagógicas, mas que não estão formalizadas. Normalmente ocorre noutras instituições ou ambientes não regulamentados, podendo o processo ser estimulado por um professor ou acontecer fruto da interação do grupo.

Um ambiente de educação informal corresponde a outras modalidades não enquadráveis na educação formal e não formal, que poderão enquadrar-se em contextos de vida social, política, económica e social (incluindo as relações familiares e outras), que produzem efeitos educativos sem evidenciarem exemplos claramente intencionais e institucionalizados. Normalmente ocorre em ambientes não oficiais e casuais ou ambientes não regulamentados, sendo o processo despertado pela interação dos participantes (excluem-se obviamente os casos de utilização, devidamente planeada e supervisionada, dessas tecnologias em contexto de sala de aula).

3 Aprendizagem informal

No futuro, devido ao ritmo e dinâmica dos processos sociais, a formação dos indivíduos tem de se assumir como processos de construção, cuja prossecução ultrapassa, necessariamente, os limites dos sistemas formais de ensino [4].

Por conseguinte, poderá afirmar-se que a formação de indivíduos pode ocorrer cada vez mais com suporte a ambientes de carácter informal [5]. A aprendizagem informal consiste numa aprendizagem sem controlo nem direção, realizada com os outros e de forma autónoma, que representa cerca de 80% da aprendizagem realizada nas demais organizações [6]. Corresponde a um processo de aquisição de conhecimento do quotidiano, onde o indivíduo não possui consciência, mas no entanto, pode melhorar os seus conhecimentos e aptidões [7]. Apesar de o indivíduo não possuir consciência de que está a apreender conhecimento, quase 90% das pessoas encontra-se envolvida num contexto de aprendizagem informal que lhes ocupa em média 15 horas por semana [8].

Em geral, a educação informal não é organizada, nem sistematizada, nem sequer muitas vezes, intencional, mas parece constituir a maior fatia da aprendizagem total durante a vida de uma pessoa – mesmo para aquelas que são altamente escolarizadas.

A aprendizagem informal pode ser caracterizada pelos seguintes aspetos: “Just-in-time”, contextual, individualizada, pessoal, repartida e de âmbito limitado [9].

Just-in-time devido ao facto que ocorre quando o indivíduo coloca em prática os conhecimentos e as capacidades adquiridas. Contextual porque ocorre dentro de um determinado contexto, onde é, posteriormente posto em prática. Individualizada porque a aprendizagem informal diz respeito às necessidades específicas de cada aluno. Pessoal devido ao facto que a aprendizagem informal não ocorre apenas em grupo, acontecendo muitas vezes de forma isolada. Repartida, porque os diversos conteúdos são apreendidos de forma intercalada com períodos de prática, de modo a que os mesmos sejam guardados mais facilmente na memória. Por último, é também

de âmbito limitado, devido ao facto de incidir sobre temas específicos, e não cursos extensos, como acontece muitas vezes na aprendizagem formal.

De referir ainda que, no trabalho, o tempo despendido em aprendizagem forma é maior do que na aprendizagem informal [6]. Ou seja, despende-se mais tempo no ensino, nos cursos de formação, nas conferências, entre outros, do que na colaboração entre os colegas, no acompanhamento, etc. Paralelamente, verifica-se que os resultados obtidos na aprendizagem informal parecem ser maiores. A mesma autora sustenta que existe um impacto de 87% da aprendizagem informal no trabalho desenvolvido, sendo apenas de 13% no que respeita à aprendizagem formal.

Atualmente, não existe disponibilidade temporal para se formar indivíduos, de acordo com os modelos tradicionais de formação, sendo portanto necessário que a mesma ocorra no local de trabalho [10]. Por conseguinte, a solução aponta para a aprendizagem informal.

4 Facebook: ferramenta de suporte à aprendizagem informal

As redes sociais podem ser consideradas como um conjunto de nós interligados. Correspondem a estruturas abertas, capazes de se expandir de forma ilimitada, integrando novos nós. Face ao crescimento exponencial das redes sociais, tais como: Facebook, Twitter, Instagram, Google+, MySpace, Badoo ou LinkedIn, temos vindo a assistir ao seu uso em contexto académico e profissional, para além do entretenimento.

A realização de aprendizagem informal pode ocorrer através de diversas tecnologias, entre as quais se destacam [11]: pesquisar informação na internet, enviar e receber emails, comunicar através de mensagens instantâneas (ou mesmo através de chat) que podem servir para expor uma determinada dúvida ou problema pontual, ouvir um podcast, participar em grupos de discussão online, fóruns, redes sociais e comunidades virtuais.

A rede social Facebook consiste num espaço que permite a interação entre amigos, a negociação e a partilha de recursos multimédia de carácter social, entre os quais se destacam as mensagens, fotos, vídeos, links ou ligações e a discussão em grupo por meio de assinatura de páginas especializadas em temas específicos [12]. Pode ser utilizada como um recurso/instrumento pedagógico importante para promover uma maior participação, interação e colaboração no processo educativo, para além de impulsionar a construção partilhada, crítica e reflexiva de informação e conhecimento distribuídos em prol da inteligência coletiva [13].

Existem diversas vantagens no uso educativo da rede social Facebook, entre as quais se destacam as seguintes: a facilidade de conversação, a ajuda na diminuição das relações hierárquicas de poder entre o professor e os alunos, a melhoria do nível de relacionamento, o suporte à interação entre os alunos, e a possibilidade da substituição dos sistemas de gestão de aprendizagem formais, tais como o Moodle e o BlackBoard, principalmente quando a sua utilização é diminuta e limitada à disponibilização de documentos educativos [14].

Outras vantagens prendem-se com a aprendizagem composta por um currículo flexível, a transgressão do tempo e espaço formal e novas formas de tratamento do

conhecimento no âmbito escolar – [15] modelo por escola expandida. O uso do Facebook como plataforma educativa justifica-se também pelas seguintes tendências: noção do conhecimento como um desenvolvimento individual e coletiva, aprendizagem colaborativa, a autoria e coautoria, a partilha, a integração das tecnologias, a comunicação e aprendizagem interativas e a possibilidade de transgressão do currículo escolar tradicional [14].

Interessa também referir que a aquisição de competências no âmbito da aprendizagem informal pode ser desenvolvida em ambientes tais como o Facebook, ao ser utilizado como espaço de aprendizagem em diferentes contextos de formação, por facilitar a convergência e a partilha de diferentes recursos multimédia, mas também pelo crescente número de alunos e professores que o usam (independentemente de nem sempre ser com o objetivo único ou claramente educacional).

Alguns exemplos da sua aplicação podem ser constatados em diversos artigos, entre os quais se destacam: “Redes Sociais Online e Educação: Contributo do Facebook no Contexto das Comunidades Virtuais de Aprendentes” [16]; “100 maneiras de usar o Facebook em sala de aula” [17]; “Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior” [18].

6 Enquadramento metodológico

O enquadramento metodológico incidiu sobre um estudo de caso no curso de Especialização Tecnológica em Secretariado e Assessoria Administrativa da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança.

Tendo em consideração que todo o estudo possui um fio condutor que guia o seu caminho, esta investigação possui também uma linha de orientação, que serve de base ao respetivo estudo, que se traduz na seguinte questão de investigação: Os ambientes de aprendizagem informal suportados pelas redes sociais podem contribuir para o desenvolvimento do aluno?

Com base na revisão da literatura, foi possível recolher dados a partir de diversos tipos de documentos. Com vista a observar a utilização das redes sociais, no âmbito da unidade curricular de Empreendedorismo e Gestão de Projetos, foi selecionada a rede Facebook por ser a rede mais utilizada pelos alunos.

O estudo de caso incidiu sobre um grupo de 41 alunos do referido curso, uma vez que 9 foram eliminados por abandonarem a turma devido a processos de creditação ou excesso do número de faltas.

Aparentemente, o grupo de alunos (16 do sexo masculino e 25 do sexo feminino) é bastante homogéneo no que diz respeito a competências TIC, nomeadamente em utilização de redes sociais.

Os instrumentos de recolha de dados basearam-se num questionário inicial sobre as características e práticas individuais; grelha de observação para aferir a interação com a rede social Facebook, em geral, e com os grupos Facebook criados para o efeito no âmbito da unidade curricular, em particular.

7 Apresentação de resultados

Fruto da observação dos indicadores inerentes à utilização efetuada ao nível da rede social, iremos passar à apresentação dos resultados obtidos mais relevantes, onde procuraremos dar resposta à questão de investigação mencionada.

Foram criados cinco grupos e uma página Facebook (contendo as indicações gerais sobre os desafios) aos quais todos os alunos e professor foram agregados (note-se que o professor teve apenas o papel de observador).

Podemos afirmar que 97,5% (40 alunos) consultaram ou visualizaram todas as linhas de publicação dos restantes alunos, sendo que 82,9% (34 alunos) participaram ativamente na publicação de comentários em todas as publicações realizadas, aportando contributos significativos para o seu próprio projeto de grupo ou, até mesmo, para o projeto de outros grupos.

No que diz respeito à utilização de outras ferramentas para além dos comentários, destacam-se a inserção de fotos e ligações Web. Embora numa escala menor, a publicação de ficheiros e a criação de eventos foi usada para marcações de reuniões de grupo e promover a execução do projeto e as perguntas ou sondagens para aferir a adesão dos colegas à implementação de ideias de projeto ou para avaliar a sua opinião acerca de determinadas tarefas e materiais do grupo.

Entre outras ligações, destaca-se ainda a publicação de inquéritos do Google Docs para recolher opiniões diversas sobre os projetos.

Tal como referido no estudo previamente apresentando, que mostrou um impacto de 87% da aprendizagem informal no trabalho desenvolvido [6], podemos afirmar que o impacto da aprendizagem informal no trabalho desenvolvido ao nível educativo ultrapassou os 75,6% (31 alunos), valor corroborado pelos processos de auto e heteroavaliação da unidade curricular.

O elevado impacto que a aprendizagem informal tem ao nível educativo, pressupõe um contributo considerável no desenvolvimento do aluno. O aparecimento dos ambientes de aprendizagem online diversificados, que permitem a comunicação, a interação e a colaboração entre os alunos, bem como a aprendizagem informal que lhe está associada, permitiram que o desenvolvimento do aluno se processasse de forma diferente, tendo como base, não só a autonomia do próprio, mas também o espírito colaborativo que pode estar associado à aprendizagem informal.

O desenvolvimento ocorre de acordo com o ritmo de trabalho e disponibilidade que cada aluno possui, desenvolvendo-se como e quando assim o entender. Consideramos que a rede social e as ferramentas utilizadas tiveram um impacto bastante considerável no desenvolvimento do aluno, pois permitiram que o mesmo seja autónomo, não só na procura constante do conhecimento, mas sobretudo na forma como este seleciona a respetiva informação.

Interessa ainda referir que o desenvolvimento do aluno com suporte à aprendizagem informal, não pode ocorrer apenas de forma autónoma, ou seja não deverá ocorrer de forma individual (sozinho), mas também com auxílio de comunidades que tenham os mesmos objetivos e os mesmos interesses, para que desta forma possam orientar o indivíduo na seleção e aquisição de conhecimento.

As redes sociais têm um enorme impacto sobre o que fazemos, como aprendemos e como adquirimos novos conhecimentos [19]. É portanto crucial que o aluno

acompanhe esta mudança, de modo a poder tirar proveito das redes sociais, não só no que diz respeito ao entretenimento, mas sobretudo no que concerne ao uso das mesmas como suporte à aprendizagem (informal).

Tendo em consideração este pressuposto, considera-se que pode ser viável a utilização das redes sociais como suporte a este tipo de aprendizagem, permitindo um maior contributo educativo no desenvolvimento do aluno. O contributo educativo das redes sociais na aprendizagem informal do aluno foi notoriamente visível, cada vez que este interage com as diversas aplicações e ferramentas que estão associadas às respetivas redes.

Salienta-se também a interação do aluno com outros indivíduos, cujo objetivo primordial se prende com a partilha de informações, experiências, recursos, etc, de modo a que o aluno possa obter, não só conhecimentos face a uma determinada temática, mas também adquirir competências que lhe permita dar resposta aos desafios e problemas que se lhe deparam diariamente.

8 Conclusões

Através do desenvolvimento do presente estudo conclui-se que o progresso do aluno foi influenciado positivamente pelo uso das redes sociais devido não só à autonomia do próprio, mas também ao espírito colaborativo que esteve associado às ações de aprendizagem, sendo que é foi o aluno que decidiu como e quando queria aprender. Considera-se que o desenvolvimento do aluno com suporte à aprendizagem informal deverá ocorrer com auxílio de comunidades que tenham os mesmos objetivos, e que desta forma possam contribuir para a aquisição de novo conhecimento.

No que concerne à viabilidade do uso das redes sociais como suporte à aprendizagem informal, verificou-se, tal como nos estudos referidos anteriormente, que estas permitem um contributo significativo no desenvolvimento educativo do aluno. Por último, salienta-se também a interação do aluno com outros indivíduos, cujo objetivo primordial é a colaboração entre todos, de modo a que o mesmo possa obter conhecimentos e adquirir competências que lhe permitam encontrar a solução para os problemas que tem que resolver.

Referencias

- [1]. Zabalza, M. (2004). O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed.
- [2]. Denscombe, M. (1998). The Good Research Guide for small-scale social research projects. Philadelphia: Open University press.
- [3]. Moreira, A. F. (2007). Ambientes de Aprendizagem no Ensino de Ciência e Tecnologia. Belo Horizonte: CEFET-MG. Notas de aula
- [4]. Pinto, L. C. (2005). Sobre Educação Não Formal.
- [5]. TicEduca. (2014). III Congresso Internacional de TIC e Educação. from <http://ticeduca2014.ie.ul.pt/index.php/pt/tematicas/tema-1>

- [6]. Cross, J. (2003). Informal Learning – the other 80%. In Internet Time Group.
- [7]. Europeias, C. (2000). Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida. SEC.
- [8]. Livingstone, D. (2002). Mapping the Iceberg. NALL - New Approaches to Lifelong Learning.
- [9]. Hoffman, B. (2005). Informal Learning. American Society for Training and Development.
- [10]. Seixas, V. (2007). Aprender para o imediato.
- [11]. Harrison. (2010). Learners' use of Web 2.0 technologies in and out of school in Key Stages 3 and 4.
- [12]. Bozarth, J. (2011). Social Media for Trainers: Techniques for Enhancing and Extending Learning. San Francisco, CA: Pfeiffer.
- [13]. Patrício, R. e G. V. (2010). Facebook: rede social educativa?
- [14]. Allegretti, S. M. M., Hessel, A. M. D., Hardagh, C. C., & Silva, J. E. d. (2012). Aprendizagem nas redes sociais virtuais: o potencial da conectividade em dois cenários. Revista contemporaneidad educacion y tecnologia Revista Cet, vol. 01, nº 2.
- [15]. Hardagh, C. C. (2009). Redes sociais virtuais: Uma proposta de Escola Expandida. (Tese de doutoramento em educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- [16]. Fernandes, L. (2011). Redes Sociais Online e Educação: Contributo do Facebook no Contexto das Comunidades Virtuais de Aprendentes.
- [17]. Universia. (2012). 100 maneiras de usar o Facebook em sala de aula. Retrieved 21 de Dezembro de 2014, 2014, from <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/05/25/936671/100-maneiras-usar-facebook-em-sala-aula.html>
- [18]. Juliani, D. P., Juliani, J. P., Souza, J. A. d., & Bettio, R. W. d. (2012). Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior.
- [19]. Kirah, A. (2008). Innovation is for everyone. Learning is for everyone. An interview with Anna Kirah.